

## O CONCEITO DE HERÓI EM *O GAÚCHO* E *O SERTANEJO*, DE JOSÉ DE ALENCAR: A RADIOGRAFIA DE UMA IDEIA.

Gabriele Freixeiras de Freitas<sup>22</sup>

### Resumo

A presente análise tenciona investigar alguns dos diversos conceitos de herói suas muitas faces na literatura, identificando origens, bem como a paulatina mudança do modelar herói épico ao moderno, e como esta se configura nos romances alencarinos *O gaúcho* (1870) e *O sertanejo* (1875). Em suas obras, Alencar reinventa o herói romântico, cria personagens que se ajustavam à alma do povo brasileiro, no qual seus anseios foram expressos através de protagonistas como Manuel Canho, e Arnaldo. Apoiando-se nos conceitos de personagem de ficção e, por extensão, nos de herói, objetivamos a reflexão acerca destes conceitos à luz do diálogo literário-filosófico entre os romances. Para isso, o artigo terá por apoio teórico de estudiosos como Georg Lukács, Antonio Candido, Brombert entre outros.

### Palavras-chave

José de Alencar, *O sertanejo*, *O gaúcho*, Conceito de Herói

### Resumen

Este trabajo propone investigar algunos de los diversos conceptos de héroe y sus variadas facetas en la literatura, identificando orígenes, bien como el cambio gradual del modelar héroe épico al moderno, y como esta se configura en las novelas alencarinas *O gaúcho* (1870) y *O sertanejo* (1875). En sus obras, Alencar reinventa el héroe romántico, crea personajes que se ajustan a el alma del pueblo brasileño, en el cual sus deseos fueron expresos a través de protagonistas como Manuel Canho y Arnaldo. Apoyando-se en el conceptos de personaje de ficción y, por extensión, en el de héroe, objetivamos la reflexión acerca de estos conceptos a la luz del diálogo literario-filosofico entre las novelas. Para eso, el artigo tendrá como apoyo teórico los estudiosos Georg Lukács, Antonio Candido, Brombert entre otros.

### Palabras clave

José de Alencar, *O sertanejo*, *O gaúcho*, Concepto de Héroe.

<sup>22</sup>

Mestranda em Letras da Universidade Federal do Ceará.

A partir do final da segunda metade do século XVIII até o início da segunda metade do século XIX, o romantismo surge como movimento estético que representa um estilo de vida e arte na Europa. Conhecido inicialmente como pré-romantismo teve suas origens principalmente na Alemanha e Inglaterra. Posteriormente com o advento da Revolução Francesa e o espírito nacionalista, o movimento ganha força na França e logo em toda a Europa e na América.

Apresentando um conjunto de novas ideias que se contrapõe à rigidez e ao convencionalismo clássico, frutos do Renascimento, o Romantismo surge marcado pelo afastamento da razão, tendo como principal característica a valorização do sentimento e o culto à imaginação. O resultado é um estado de espírito inconformista e melancólico, motivando a busca por sua liberdade e satisfação, a reaproximação da natureza e a evasão do mundo. Sua atitude é íntima e pessoal, sendo revelado o eu individual e a valorização de sua interioridade em oposição ao mundo exterior.

Influenciado pelos acontecimentos vigentes na Europa, no Brasil, o Romantismo conquista progressivamente seu espaço. O movimento adapta-se à situação local, inserido no período de permanência da Corte (1808-1821), para ganhar expressão e força com a Independência (1822).

Cresce com isso, o sentimento de consciência pátria e a luta pela autonomia cultural. A criação de uma liberdade de pensamento, descontextualizada dos preceitos clássicos portugueses, objetivava a importância da criação de uma literatura de caráter essencialmente brasileiro, que valorizasse as peculiaridades nacionais, inspirada na forma e conteúdo.

Temos a impressão de um novo estado de consciência, cujos traços por ventura mais salientes são o conceito de indivíduo e o senso da história. Por isso o individualismo e o relativismo podem ser considerados a base da atitude romântica, em contraste com a tendência racionalista para o geral e o absoluto. (CANDIDO, 1981, p. 23)

Esse desenvolvimento não passou despercebido por José de Alencar, considerado patriarca da literatura brasileira. O autor de *Iracema* motivou o movimento de renovação e adaptação da literatura ao ambiente brasileiro. Conforme o idealizador de *O guarani*, a literatura de um país deve ser a expressão de sua nacionalidade. Desta forma, o autor apoiava a utilização de uma linguagem própria e uma literatura baseada na diversidade regional do Brasil.

Ainda nesse mesmo pensamento, Alencar defendia o romance como gênero que mais se adequaria à expressão brasileira, sendo responsável por consolidar a ficção, tal como a regionalista.

Apesar das múltiplas atividades exercidas pelo autor cearense, vamos nos fixar em uma de suas perspectivas mais expressiva, a de romancista. Esta face do autor proporcionou em suas obras a imersão na realidade brasileira, como a linguagem e a cultura. O afastamento dos preceitos que normatizavam a literatura anteriormente permite o abandono do gênero épico para dar espaço ao romance como melhor forma de renovar a literatura nacional.

Segundo Afrânio Coutinho, neste período Alencar se destacaria no terceiro momento do Romantismo, na qual a ficção consolida-se sob o tema indianista, sertanista e regionalista.

Neste contexto de nacionalidade, Alencar cria personagens que se ajustavam à alma do povo brasileiro, no qual seus anseios foram expressos através de protagonistas como Manuel Canho, de *O gaúcho* (1870), e Arnaldo, de *O sertanejo* (1875). Estes protagonistas formam imagens de heróis que apresentavam caracteres essenciais do Romantismo, como seu estado de comunhão com a natureza.

É sob essa característica do autor cearense que nos será proporcionada a reflexão acerca dos heróis nos romances *O gaúcho* e *O sertanejo*. Em suas obras, o autor reinventa o herói romântico, o sujeito incapaz de adaptar-se à sociedade, lançando-se à evasão em meio à Natureza.

No entanto, para entendermos como o herói se configura nestas obras, se faz necessário abordar o conceito multifacetado de herói que é estudado em *A teoria do romance*, de Georg Lukács, partindo da epopeia grega até a categoria do herói problemático, como também as mil faces do herói na história, trabalhadas por Joseph Campbell; sem deixar de lado os estudos desenvolvidos sobre a personagem, traçados por Vicente Ataíde, em *A narrativa de ficção* (1972), E. M. Forster, em *Aspectos do romance* (1998), Antonio Candido, em *A personagem de ficção* (1976) e Mikhail Bakhtin, na *Estética da criação verbal* (1988). Com isso, traçaremos uma relação entre os protagonistas Manuel Canho e Arnaldo, partindo do conceito mesmo de herói, suas aproximações e contrastes estabelecidos com os heróis de José de Alencar.

Palavra de origem grega – *heros* (nobre, semideus) –, o termo herói foi herdado na cultura ocidental do mundo mitológico grego. Para estudarmos os conceitos de herói, do ponto de vista literário, é necessário descobri-lo em meio a tópicos referentes ao seu

contexto sócio-cultural. Herdamos a composição das características heroicas da literatura grega, marcada principalmente por Homero, nas epopeias *Ilíada* e *Odisseia*. O herói modelar clássico, nobre, responsável por redimir seu povo, é oriundo das elites, que refletiam o contexto social do qual eram a referência.

Sobre essa origem, reforça Feijó: “Foram os gregos que deram o nome a eles, como também foram os mitos gregos os que mais sobreviveram, que não se transformaram em religião nem desapareceram. O nascimento do herói, portanto, se deu com o mito” (FEIJÓ, 1984, p. 12).

Mudanças decorrentes de fatores externos refletem o modo de representação heroica. Ao passar do tempo, esses seres quase divinos não mais correspondiam à vontade coletiva, sendo possível identificar esse processo de transformação do herói em obras de diversas épocas. Ocorre uma desconstrução do modelo clássico; o herói, agora, será fruto do seu próprio tempo, reflexo da inserção do próprio homem na sociedade. Os heróis, antes gloriosos como deuses, passam a ser designados como homens.

A respeito da origem dos heróis, encontramos o “Mito das Raças”, que consta na obra *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo (1991). Texto que apresenta uma hierarquia das raças, marcadas pelas idades de ouro, prata, bronze, heróis e ferro. Em sua obra, Hesíodo reforça o caráter superior da “Raça dos Heróis”, uma “raça divina de homens heróis” (p. 34, verso 159), a qual consiste de traços inerentes aos heróis clássicos: a justiça, a coragem e a glória. Já o homem é pertencente à “Raça de Ferro”, inferior aos heróis.

Este conceito do herói clássico foi substituído, aos poucos, pelo do herói moderno; e a construção desse novo enfoque na imagem do herói é representada especialmente no romance. Apesar de encontrarmos características e valores do herói clássico ainda em tipos como Peri, Arnaldo e Manuel Canho, protagonistas que se lançam a aventuras, a verdade é que os ideais e crenças da coletividade não são mais o seu princípio motivador, ocorrendo uma subversão dos valores heroicos.

Sobre o assunto afirma Brombert: “esses personagens não são totalmente “fracasso”, nem estão desprovidos de coragem; simplesmente chamam a atenção por suas características ajudarem a subverter, esvaziar e contestar a imagem de ideal” (2004, p. 19).

Ao que concerne à literatura brasileira, podemos dizer que é o resultado de aspectos de caráter político e cultural, conforme o período histórico que se apresentava na primeira metade do século XIX. Com o intuito de cortar os laços que nos prendiam

econômica e politicamente a Portugal, surgiu um espírito de renovação, que inspirou uma literatura de cunho nacionalista, fixada em nossos próprios moldes, defendendo motivos e temas brasileiros, reivindicando também os direitos de uma linguagem nacional.

Nesse contexto configura-se a literatura regionalista alencarina, característica que só vem a reforçar a singular posição do autor neste período.

Consciente da necessidade de formar uma literatura de base nacionalista, o autor cearense elegeu o romance como gênero capaz de atender às exigências de uma literatura em construção. Tornou-se, desta forma, um defensor da nacionalidade em literatura, mantendo-se comprometido com seus ideais, e publicando, em 1856, as suas *Cartas sobre a confederação dos Tamoios*, em que reforça a importância da criação de uma literatura propriamente brasileira:

[...] mas não um poema épico um verdadeiro poema nacional, onde tudo fosse novo, desde o pensamento até a forma, desde a imagem até o verso. A forma com que Homero cantou os gregos não serve para cantar os índios; o verso que disse as desgraças de Troia e os embates mitológicos não podem exprimir as tristes endeixas do Guanabara e as tradições selvagens da América. Porventura não haverá no caos inciado do pensamento humano uma nova forma de poesia, um novo metro de verso? (ALENCAR, 1960, p. 875 - 876).

Com efeito, Alencar foi fundamental no desenvolvimento da literatura brasileira, porque o autor de *Til* procurou descrever em suas obras a vida nacional, ressaltando os momentos históricos e a cultura do país, expressos em uma linguagem brasileira. Ajuda, assim, a consolidar a literatura tanto em caráter nacional quanto regional. Segundo Artur Motta,

ocorreu em José de Alencar, em seu momento regionalista, um deslocamento de interesse, do geral nacional para o geral regional. Procurou fazer assim um romance representativo de cada região do país, focados no aspecto interior, a vida agrícola, seus hábitos e seus costumes (MOTTA, 1921, p. 44).

No prefácio de *Sonhos d'Ouro* (1872), o autor cearense divide suas obras em três fases, sendo possível classificar, na terceira, *O gaúcho* e *O sertanejo*, assim como *Til* (1872) e *O tronco do ipê* (1871). Acerca desta divisão, o autor assevera que,

a terceira fase, a infância de nossa literatura, começada com a independência política, ainda não terminou; espera escritores que lhe dêem os último traços, e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo

calar as pretensões hoje tão acesas, de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço. (ALENCAR, 1953, p. 34)

Apesar da diversidade das regiões retratadas nas obras de José de Alencar, especialmente em *O gaúcho* e *O sertanejo*, podemos observar as claras representações dos mais diversos aspectos da cultura brasileira, tendo o caráter regional fortemente expresso.

Nomeados pelo próprio autor de “romances brasileiros”, estas obras registram o *homem nacional*. Notamos, através de seus heróis, qualidades que já caracterizavam o espírito romântico, como o individualismo, o nacionalismo, a solidão, a lealdade, o escapismo e o culto à natureza. Culto este registrado, por exemplo, nesta passagem de *O sertanejo*: “as sombras das colinas do poente desdobravam-se pelos campos e várzeas e cobriam a rechã desse candor da tarde, que em vez da alegria da alva matutina tem o desmaio, a languidez e a melancolia da luz que expira” (ALENCAR, 1951, p. 182).

Na obra alencarina, a ideia do herói romântico está largamente desenvolvida. Assim, percebemos algumas semelhanças em seus dois tipos, Manuel Canho e Arnaldo, que incorporam características do romantismo. Estes personagens são marcados por uma problemática interna, resultando daí a solidão do homem romântico como traço decisivo da individualidade desses heróis.

Em *A teoria do romance*, Lukács (2000) apresenta-nos um tempo em que o mundo era habitado por heróis e deuses, havendo uma conexão entre ambos, na qual o destino constitui-se num preceito divino para o homem, que não o contesta, apenas cumpre. Sendo assim, a dúvida e a insegurança inexistem. Neste contexto surge a epopeia, na qual o homem vive a harmonia reveladora da totalidade de uma estrutura fechada. A ausência de interioridade marca este período e por extensão, a ausência da solidão.

Este mesmo pensamento é perceptível em Bakhtin, ao dizer que

o homem dos grandes gêneros distanciados é o homem de um passado absoluto de uma representação longínqua. Como tal, ele é inteiramente perfeito e terminado. Ele é concluído num alto nível heróico, mas está desesperadamente pronto, ele está todo ali, do começo ao fim, ele coincide consigo próprio e é igual a si mesmo. Estas particularidades do homem épico, partilhadas basicamente por outros gêneros distanciados elevados, originam a beleza excepcional, a coesão, a claridade cristalina e o polimento literário desta representação do homem (BAKHTIN, 1988, p. 423 e 424).

Dando lugar à epopeia surge o romance em um mundo em que as respostas não são mais dadas e a essência não está mais presente. Contrapondo à epopeia, o romance é a forma para a qual não há mais substancialidade; é o rompimento, pois, da perfeita harmonia de um mundo acabado e perfeito em si mesmo, característico da epopeia. No romance não há mais deuses povoando o mundo, o ser humano está entregue à própria sorte, o que ocasiona uma inadequação entre o ideal e o real.

Lukács afirma que o romance é “a epopeia de uma era para qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade” (2000, p. 55).

O crítico húngaro estabelece momentos diferentes para a classificação dos heróis romanescos, marcados de acordo com a ação dos personagens. Ação esta que será ligada ao grau de inadequação entre o herói e o mundo. Pois, “o abandono do mundo por Deus, revela-se na inadequação entre alma e obra, entre interioridade e aventura, na ausência de correspondência transcendental para os esforços humanos” (p. 99).

Ainda nesse pensamento, de acordo com Lukács, “a forma do romance, como nenhuma outra, é a expressão do desabrigo transcendental” (p. 38). Segundo o estudioso, o herói problemático é o herói romanesco que tem por essência o conflito ou a inadequação entre o mundo e a sua alma.

O individualismo, destacando o homem da sociedade ao forçá-lo sobre o próprio destino, rompe de certo modo a ideia de integração, de entrosamento – quer dele próprio com a sociedade em que vive, quer desta com a ordem natural entrevista pelo século. (CANDIDO, 1981, p. 24)

É necessário entender que esse processo de transformação do herói na literatura não aconteceu repentinamente; notamos mesmo que as mudanças decorrentes de fatores externos irão refletir no modo de representação dos heróis. Com isso o modelo heroico da epopeia foi substituído pelo do herói moderno. Acerca dessa mudança, diz Feijó:

o herói é aquele que quer ser ele mesmo ou aquele que tem vontade de ser aquilo que na verdade não é. O herói moderno não é o que faz a epopéia, mas o que deseja. O herói da literatura moderna não realiza façanhas, mas quer realizá-las e não consegue (FEIJÓ, 1984, p. 70).



O conceito de herói pode ser largamente estudado nos romances de José Alencar, em especial nas obras *O gaúcho* e *O sertanejo*, em seus protagonistas Manuel Canho e Arnaldo, respectivamente.

Os heróis de Alencar, representados nestes romances, surgem como indivíduos de suprema coragem e vigor. Todavia, o que seria uma aproximação do herói épico os distanciará por resultado do “trágico isolamento individual” (PELOGGIO, 2006, p. 20) vivido por ambos. “Foi deste modo que a alma do gaúcho emigrou da família primeiro e depois da sociedade humana para a raça bruta que simbolizava a seus olhos a fidelidade, a dedicação e a nobreza” (ALENCAR, 1953, p. 145).

Servindo de molde a duas regiões brasileiras: o pampa gaúcho e o sertão cearense, o isolamento e a solidão representados reforçam o caráter desolado do meio vivido pelos protagonistas, tal como “Manuel cresceu, mas sempre concentrado e misantropo” (ALENCAR, 1953, p. 142).

Assim como nas constantes aventuras de Arnaldo, a vida de Manuel Canho também se caracteriza pelas repetitivas lutas, viagens e provas. Uma quase total falta de problemática interior que lança nossos heróis à aventura.

Em os *Aspectos do romance* (1998), ao tratar dos personagens, Forster classifica-os, de acordo com seu grau de complexidade, em planos ou redondos. Ao que concerne aos heróis alencarinos, Arnaldo e Manuel Canho, ambos aproximar-se-iam das personagens planas, construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade, podendo ser expressas em uma única frase. Conforme Forster, este tipo “não possui um a *idée fixe*, porque nada há nele onde a ideia possa se fixar. Ele é a ideia, e a única vida que possui irradia-se das bordas dessa ideia e das cintilações que provoca colidir com outros elementos do romance” (p. 54). Características como a de serem reconhecidas e lembradas facilmente, de não esperarmos o seu desenvolvimento, sendo inalteradas e incapazes de nos surpreender, só vêm a reforçar o traço bidimensional de protagonistas como Arnaldo e Manuel Canho.

Sobre o herói alencarino, afirma Antonio Candido que “o advento do herói em Alencar, brotam como respostas ao desejo ideal de heroísmo e pureza que se apegava, a fim de poder acreditar em si mesma, uma sociedade mal ajustada” (1981, p. 223).

Neste embate entre a interioridade e a vida, os heróis lançam-se a campo, mas em uma busca infrutífera. O desamparo destes novos heróis alimenta o individualismo que enriquecerá o panorama romântico. “[...] Cada um de seus impulsos tem de ser uma



ação voltada para fora. A vida de semelhante homem, portanto, tem de tornar-se uma série ininterrupta de aventuras escolhidas por ele próprio” (LUKÁCS, 2000, p. 102).

Manuel Canho e Arnaldo não encontram acolhimento no mundo que os cerca; sua inadequação com a segunda natureza (a convenção), torna-se, a cada momento, mais clara e profunda. Como consequência, buscam refúgio na natureza. O escapismo nada mais representa do que o desejo do homem romântico de fugir à realidade e viver em um mundo idealizado. Entendemos essa atitude como uma incapacidade do eu romântico de resolver os seus conflitos com a sociedade, lançando-se à evasão em meio à natureza; “[procura] o sertão e [vive] nele para estar só” (ALENCAR, p. 127).

A aproximação com a natureza em ambas as obras, uma característica do herói romântico, vem reforçar a inadequação do homem com a vida exterior, com a sociedade que não atende a seus anseios. “Por trás desses aspectos do culto da Natureza, enquadrados num confronto dramático com o mundo, está silhueta da tácita insatisfação com o todo da cultura, misto de afastamento desencantado e reprovação à sociedade” (GUINSBURG, 2002, p. 69).

O dilaceramento da consciência individual, socialmente bloqueada, que se introverte e se afirma como a potência interior infrangível do EU, negando o mundo que o nega, enxertou-se como afã de totalidade e de integridade em que o individualismo egocêntrico se externou, no culto a Natureza (2002, p. 69).

É na descrição da solitária e melancólica paisagem que Alencar amplia a desolação da alma de seus heróis. Seja no pampa gaúcho ou no sertão cearense, a natureza é selvagem e árida:

Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes!  
Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa que a intensidade dos mares. (ALENCAR, 1953, p. 23).  
O viandante perdido na imensa planície, fica mais que isolado e oprimido. Em torno dele faze-se o vácuo (ALENCAR, 1953, p. 24).

Apesar da paisagem agreste, seus heróis vivem em perfeita harmonia com o ambiente natural:

No seio da profunda solidão, onde não há guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso afrontar o deserto com intrepidez, sofrer as privações com paciência, e suprimir as distâncias pela velocidade. Nenhum ente é capaz de superar todos esses obstáculos como o homem, o gaúcho. De cada ser que povoa o deserto, toma ele o melhor; tem a

velocidade da ema ou da corça, os brios do corcel e a veemência do touro.  
(ALENCAR, 1953, p. 25-26)

Todavia, a relação de equilíbrio com a natureza mostra-se contrastante com aquela conflituosa dos heróis com a sociedade. Percebemos em Manuel Canho um profundo desencanto com o mundo e a raça humana:

Sua própria razão não concebia como isso acontecera. Manuel tinha a consciência de sua natureza ríspida e concentrada; a indiferença e frieza que mostrava em seu trato, não provinha de uma hábito somente: era a repercussão interior da pouca estima em que o gaúcho tinha geralmente a raça humana (ALENCAR, 1953, p. 114)

Conforme Lukács os heróis são marcados pela “[...] ausência de correspondência transcendental para os esforços humanos.” (LUKÁCS, 2000, p. 99). Portanto, não encontram na sociedade respostas para seus anseios, escolhendo uma vida misantrópica: “[...] Jacintinha entrara no ádito daquela alma exilada da sociedade humana” (ALENCAR, 1951, p. 151); “Eu não sou vaqueiro; sou um filho dos matos, que não sabe entrar numa casa e viver nela. Minhas companheiras são as estrelas do céu que me visitam à noite na malhada; e a juriti que fez seu ninho na mesma árvore em que durmo” (ALENCAR, 1951, p. 229).

Desta forma, podemos constatar neste breve trabalho, que estes heróis alencarinóis são marcados pela inadequação entre a interioridade e a exterioridade, entre a alma e o mundo da obra, Manuel Canho e Arnaldo, buscam através de atividades desmedidas o rompimento com as convenções sociais em atitude misantrópica, distanciando estes protagonistas, do modelar herói da epopeia clássica.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José. Cartas sobre a Confederação dos Tamoios. In: \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960, vol. IV.

\_\_\_\_\_. **O Guarani**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1953, vol. I, II.

\_\_\_\_\_. **O Gaúcho**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1953, vol. IX.

\_\_\_\_\_. Como e por que sou romancista. In: \_\_\_\_\_. **O Guarani**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1953, vol. I.

\_\_\_\_\_. **O sertanejo**. Romance brasileiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. v. XVI.

ARARIPE JÚNIOR, T. A. Perfil literário de José de Alencar. In: \_\_\_\_\_. **Luizinha; perfil literário de José de Alencar**. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1980.

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.

BROMBERT, Victor. **Em louvor de anti-heróis**. São Paulo: Ateliê, 2004.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1983.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2 v.

COUTINHO, Afrânio. (Org.). **A polêmica Alencar-Nabuco**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. **Conceito de literatura brasileira**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A literatura no Brasil: era romântica**. Afrânio Coutinho (dir.). 7ª ed. São Paulo: Global, v. 3, 2004.

FEIJÓ, Martin. **O que é o herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 70.

FORSTER, Edward Morgan, 1879-1970. **Aspectos do Romance**; tradução Maria Helena Martins. – 2º Ed. – São Paulo: Globo, 1998.

GOMES, Eugenio. José de Alencar. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos do romance brasileiro**. Salvador- BA: Livraria Progresso Editora, 1958.

GUINSBURG, J. (org.). **O romantismo**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HESÍODO, Lafer. Mary de Camargo (trad). **Os trabalhos e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 1991.1. (Coleção Biblioteca Polen).

KOTHE, Flávio R. **O herói**. Série princípios. 2ª Ed. São Paulo: 1987.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **José de Alencar e sua época**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar: literato e político**. São Paulo: Martins, 1965.

MUIR, Edwin. **A estrutura do romance**; tradução Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Editora Globo, s/d.

PELOGGIO, Marcelo. A intuição geral do mundo: Alencar e Chardin. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**. Edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VIANA FILHO, Luís. **A vida de José de Alencar**. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1981.

WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.

#### **Teses:**

ANTUNES, Luísa Marinho. **O Romance Histórico e José de Alencar**. Contribuição para o Estudo da Lusofonia, coleção TESES, nº 3, Funchal, 2009, Centro de Estudos de História do Atlântico, 453 pp.[CR-ROM].

PELOGGIO, Marcelo. **José de Alencar e as visões de Brasil**. 234 f. Tese (Doutorado). Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.